

Os olhos de Arthur Alcantara de Melo brilham quando os músicos do projeto Vida em Pauta entram no ambulatório do Instituto da Criança (ICr), no Hospital das Clínicas, em São Paulo. Quando as melodias de Mozart ou Bach ressoam, e não é possível ouvir os ruídos da máquina de hemodiálise, nada mais lhe interessa.

O menino de 5 anos sofre da doença renal policística, um distúrbio genético e hereditário que causa o crescimento de cistos nos rins. Ele mora com a mãe, Alessandra Pentecado, e a irmã, Laura, dois anos mais nova e também portadora da doença, na região de Guaianas, na zona leste da capital paulista, e precisa se deslocar seis vezes por semana para a unidade hospitalar a fim de realizar o tratamento vital para essa condição.

Acada 15 dias, Arthur aguarda ansioso a chegada dos violinistas. Não apenas para desfrutar das melodias, mas também para executá-las em seu violino, um mini-instrumento adaptado para seu corpo diminuto e cheio de vitalidade. O garoto nunca tivera qualquer iniciação musical antes de chegar ao hospital, mas desenvolveu a paixão em aulas com a professora Vitoria Camelo, do Vida em Pauta.

“Meu filho fez a diálise peritoneal por quatro anos em casa, mas teve uma infecção em 2024 e precisou fazer a transição para a hemodiálise. No começo, ele tinha muito medo e chorava demais, mas as aulas de música o ajudaram a superar isso. Ele virou outra criança”, conta Alessandra. “Hoje, nós brincamos que o Arthur é o ‘deputado da hemodiálise’, porque ele fala com todo mundo, conhece o hospital inteiro.”

Para ensinar Arthur, Vitoria conta que o maior desafio foi superar o fato de que essas crianças não podem executar grandes movimentos por causa da hemodiálise. “Foi tudo muito orgânico, um passo a passo para ele ganhar autonomia. Tem sido uma aventura maravilhosa.”

Sergio Melardi, idealizador do Vida em Pauta, explica que Arthur é um “efeito colateral positivo” do projeto que começou em abril de 2023 e leva música clássica para quatro hospitais públicos do Estado. “Existem programas similares no mundo todo, em lugares como Japão e EUA. Então, aglutinamos conhecimento e eu também comecei a estudar uma teoria chamada



Arthur, garoto que faz hemodiálise no Instituto da Criança, e a musicista Vitoria Camelo, do Vida em Pauta

Música

Melodias do bem

Projetos beneficentes levam músicos aos hospitais para dar alívio a crianças enfermas, além de despertar novos talentos

Efeito Mozart, no qual existem pesquisas sobre como a música de Mozart nos influencia. Não tem nada a ver com cura, mas é uma ferramenta que pode servir de auxílio aos médicos.”

Andrea Waranabe, coordenadora médica do serviço de nefrologia pediátrica do ICr, é pianista e diz que o poder relaxante da música tem impactos diretos no controle da ansiedade e na redução da pressão arterial e da frequência cardíaca. “As crianças têm uma rotina pesada, então a música ajuda a sessão de hemodiálise a passar rápido.”

“Lidamos com hospitais públicos, onde mais de 50% dos pacientes nunca viram um instrumento de perto. A nossa ideia é levar conforto e humanização. O Vida em Pauta é música na veia”, acrescenta Melardi, salientando que conta com benefício da Lei Rouanet e dependência de ajuda de patrocinadores.

PELA CURA. Em sentido similar atua o programa Música pela Cura, da Tucca (Associação para Crianças e Adolescentes com Câncer), que arrecada verba para o tratamento de jovens enfermos com a venda dos ingressos de espetáculos promovidos pela instituição, entre outras atividades, como eventos gastronômicos, bazares e corridas.

Além disso, alguns dos artistas convidados da série de concertos internacionais, como o violinista americano David Harrington (fundador do Quarteto Kronos), já foram ao ambulatório da Tucca, no Hospital Santa Marcelina, em Itaquera, oferecer alegria aos pacientes. “Nossa visita foi uma das experiências mais memoráveis que o Kronos teve nos últimos 52 anos. Jamais esquecerei os sentimentos que tive lá. Que experiência inspiradora e emocionante”, exalta Harrington. Entre os talentos nacionais que viveram momentos por lá estão Amaro Freitas, Hamilton de Holanda, Mônica Salmaso e Egberto Gismonti.

“Não se trata de terapia no sentido clínico, mas da criação de momentos de leveza e humanidade. Músicos renomados que chegam com certa formalidade e saem emocionados após algumas horas de convivência no ambulatório. Alguns até doaram seus cachês para a causa”, afirma o oncologista Sidnei Epelman, fundador da Tucca. “Nas crianças, o impacto visível é a quebra da rotina hospitalar e uma maior disposição para enfrentar o tratamento. Elas se tornam protagonistas, experimentam, escolhem, cantam, riem.” ●